

A DISCIPLINA NA ESCOLA E OS LIMITES PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM LIVRE: UMA PERSPECTIVA FOUCAULTIANA

Marcelo de Deus Campos¹
Ged Guimarães²

Resumo:

Identificar a disciplina na escola e os limites para a formação do homem livre, a partir de uma perspectiva foucaultiana (disciplinarização e normalização); a partir deste objetivo geral temos três objetivos específicos que consistem em: examinar a história da “disciplina” enquanto técnica e como essa técnica será exercida e sobre quem ela será exercida ao longo de sua história; descrever quais as técnicas de dominação de extrema racionalidade impostas pelo Estado à escola ao longo de sua história enquanto fenômeno moderno, e quais são estas técnicas e como elas são aplicadas pela escola aos discentes enquanto forma de controle do discurso; relatar quais são os instrumentos, indicados por Foucault, para retirar o “controle normativo e disciplinar” da formação e restaurar a universalidade e a integralidade da formação do homem livre em detrimento deste controle disciplinar e normativo. Michel Foucault não escreveu sobre a “educação”, embora sua obra sempre esteja ligada aos desdobramentos desse tema, visto que o sujeito constitui-se como centro de todas as suas pesquisas. (FOUCAULT, 1994; *apud* CASTRO, 2009, p.134-135). Efetuaremos a reconstrução do tema da “disciplina na escola e os limites que esta disciplina gera para a formação do homem livre”, a partir de duas obras e de dois cursos ministrados, por Michel Foucault, no *Collège de France*, a saber: *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (1975), *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* (1976), *Os Anormais* (1974-1975) e *Em Defesa da Sociedade* (1975-1976), respectivamente. Utilizaremos dos eixos temáticos da disciplinarização e da normalização para conduzir nossa investigação sobre o tema a ser investigado. Tendo em vistas estes dois eixos temáticos, disciplinarização e normalização, contido na obra *Vigiar e Punir: nascimento*

¹ Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017; discente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, da Campus Anápolis de CSEH/UEG.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004); e Pós-Doutor pela Universidade do Minho, Braga, Portugal (2013).

das prisões, Foucault afirma que “o mais importante sem dúvida é que esse controle e essa transformação do comportamento [do criminoso] são acompanhados — ao mesmo tempo condição e consequência — da formação de um saber dos indivíduos” (FOUCAULT, 2014, p.145). Perceba-se que estão presentes a disciplina e a norma; desta feita há ainda que se investigar a relação “da disciplina na escola” com o saber, o poder e o processo de subjetivação. Percorrendo a trajetória alicerçada por Michel Foucault do indivíduo, que também é parte da estrutura social – demonstrando o eixo da disciplinarização, até a estrutura social, – demonstrando o eixo da normalização.

Palavras-chave:

Disciplina. Escola. Formação. Homem Livre. Foucault.

Introdução

Tendo em vistas o tema: “a disciplina na escola e os limites para a formação do homem livre”, questionaremos nesta pesquisa qual a relação e as implicações entre “disciplina” e “escola”, para tanto investigaremos os conceitos de disciplina e de escola a partir da Modernidade.

No entanto, há que se considerar que a educação não começa na Modernidade, mas com Homero. Não podemos desconsiderar os aspectos históricos da educação anteriores à Modernidade:

A história da educação na Antiguidade não pode deixar indiferente nossa cultura moderna: ela retrata as origens diretas de nossa própria tradição pedagógica. Somos greco-latinos: o essencial da nossa civilização veio da deles: isto é verdadeiro, num grau eminente para, nosso sistema de educação. (...) Os procedimentos da pedagogia antiga foram, todavia, retomados, quando, por ocasião de renascença carolíngia, uma renovação dos estudos se esboçou, restauração canhestre e imperfeita, como todas as restaurações: e, não obstante, os carolíngios conscientemente pretenderam, e num sentido o conseguiram, reatar a tradição interrompida.

O rico desenvolvimento da civilização medieval levou depois a cristandade ocidental, sobretudo a partir do século XII, a elaborar instituições e métodos pedagógicos bem diferentes e verdadeiramente originais. E, no entanto, mesmo em pleno século XIII, a memória dos modelos antigos e a preocupação de imitá-los não cessaram de obsidir o pensamento dos homens desse tempo, cujo lugar na história do humanismo não pode ser diminuído, como se fez durante tanto tempo.

Mas foi sobretudo a grande Renascença, a dos séculos XV e XVI, que marcou nossa educação moderna, com sua volta francamente declarada à mais estrita tradição clássica; hoje ainda visemos, muito mais do que se tem ordinariamente consciência, da herança do Humanismo (...). (MARROU, 1975, p.4).

A escola, enquanto instituição total, surge somente na Modernidade. Somente a partir dela que haverá a possibilidade de relacionarmos a disciplina à escola, nos moldes como pensou Michel Foucault, no tocante à ideia de disciplinarização e a normalização nesta pesquisa. “A disciplina reina na escola, no exército, na fábrica. Trata-se de técnicas de dominação de extrema racionalidade” (FOUCAULT, 1994c, p.395). Edgardo Castro, ao caracterizar a escola, a partir do pensamento de Michel Foucault, acrescenta que “a fábrica, a escola, a prisão ou os hospitais têm por objetivo vincular os indivíduos ao processo de produção; trata-se de garantir a produção em função de uma norma determinada” (CASTRO, 2016, p.149; paráfrase de FOUCAULT, 1994b, p.614). A organização da educação ocidental inscreve-se no grande processo de reorganização do poder moderno que começa durante a monarquia e aprofunda-se com o fim do absolutismo. Foucault demonstrará o processo de disciplinarização da educação, a nova importância que nela terá o tema do corpo.

A educação relaciona, na filosofia de Foucault, é com a disciplina (CASTRO, 2009, p.134). Os primeiros desenvolvimentos desta relação entre educação e disciplina ocorreram em *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (1975; 2014) e no curso ministrado por Foucault no Collège de France, *Os Anormais* (1974-1975; 2002). A escola está inserida na educação enquanto instituição responsável pela formação de indivíduos; responsabilidade outorgada pelo Estado. Foucault não trata especificamente da escola, mas da educação. A escola, inicialmente, entendida como instituição total, como instrumento de relação de poder do Estado para com a população. Deste modo, a organização da educação ocidental também participa e se inscreve no processo de reorganização do poder moderno que se inicia durante o período monárquico, mas que se aprofunda com o fim do absolutismo. Edgardo Castro afirma que: “com o termo *absolutismo*, Foucault refere-se principalmente à forma de organização do poder do rei e da burguesia na França, durante os séculos XVII e XVIII; exercício administrativamente centralizado e pessoal do poder que se adquire hereditariamente”. (CASTRO, 2009, p.21-22). Foucault afirma que será a partir do Iluminismo que ocorrerá o processo de disciplinarização da educação, ao que se tornará

patente, na medida em que o corpo também se torne objeto de investigação e de imputação de poder neste período.

No curso ministrado por Foucault, entre 1974 – 1975, o pensador ocupará-se da educação no contexto da grande cruzada contra a masturbação no século XVIII e a sexualização das condutas infantis. A educação será um instrumento da sociedade em que ela possibilita ao indivíduo que este se aproprie a qualquer tipo de discurso; mas também a educação será o instrumento de poder do Estado para manter ou modificar a apropriação dos discursos em suas relações com o saber e o poder, conf. afirma Foucault em *A Ordem do Discurso*:

A educação se esforça por ser, de direito, o instrumento graças ao qual, em uma sociedade como a nossa, qualquer indivíduo pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabe-se que ela em sua distribuição contínua, no que ela permite e no que ela impede, as linhas que estão marcadas pelas distâncias, as oposições e as lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles comportam. (FOUCAULT, 2009a, p.43-44).

Será a partir da Revolução Francesa (1.789), que se situará um dos objetivos da educação em que o Estado melhor poderá exercer seu poder sobre o indivíduo ao prescrever ao ensino primário a fortificação e o desenvolvimento do corpo (FOUCAULT, 2014). O normal será estabelecido como princípio de coerção no ensino com a instauração de uma educação standardizada. No ocidente, a partir dos séculos XV e XVI, que ele passa-se a ocupar com a educação, agora não somente do clero, mas principalmente daqueles que estão destinados por suas famílias a serem comerciantes, homens de leis, médicos, etc. Inicialmente, trata-se de uma educação burguesa, mas com o passar dos anos, principalmente, em fins do século XVIII, torna-se cada vez mais popular. Trata-se, segundo Foucault, do processo de disciplinarização da sociedade: “Em *Vigiar e Punir*, tratei de mostrar como certo tipo de poder, que se exerce sobre os indivíduos por intermédio da educação, pela formação de sua personalidade, era correlato, no Ocidente, não apenas ao nascimento de uma ideologia, mas também a um regime de tipo liberal”. (FOUCAULT, 1994; *apud* CASTRO, 2009, p.135).

Procura-se demonstrar o poder, a partir da perspectiva foucaultiana, que é exercido sobre os indivíduos, poder este que se manifesta também na educação; assim como se manifesta no exército, na fábrica, na prisão ou nos hospitais (psiquiátricos e nos asilos). A

reflexão foucaultiana sobre o poder está vinculada em seu funcionamento, isto é, Foucault não preocupa-se em dizer o que é o poder, mas refletir sobre a constituição de seus mecanismos.

As sociedades modernas não são apenas sociedades de disciplinarização, mas também de normalização, dos indivíduos e das populações. O poder será pensado por Michel Foucault também como poder sobre a vida, isto é, as formas de exercício do poder que surgem a partir do que Foucault denomina “o umbral biológico da Modernidade” (FOUCAULT, 1977, p.188), isto é, desde o momento em que o homem como animal vivente adquire uma existência política, quando a vida biologicamente considerada converte-se no verdadeiro objeto do governo. Poder, sobre a morte, ou seja, o racismo, e todas suas formas de subjugação, destruição e aniquilamento serão levados a cabo com o nazismo e o fascismo. Por fim, Foucault investigará o poder a partir da noção de governo de si mesmo e dos outros durante a Antiguidade clássica, helenística e romana até as primeiras formas do poder pastoral com o advento do cristianismo, especialmente, o monasticismo cenobítico. A noção de governo entrecruza-se neste momento com a história da ética – da educação, da formação do homem livre – no sentido foucaultiano do termo. Isto é, o termo ética refere-se ao domínio da constituição de si mesmo como sujeito moral; esse ‘domínio’ compreende: a substância ética (a parte do indivíduo que constitui a matéria do comportamento moral); os modos de sujeição (a maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com a regra e reconhece-se como ligado a ela); as formas de elaboração do trabalho ético (adequar-se à regra ou transformar-se a si mesmo em sujeito moral); e, a teleologia do sujeito moral (uma conduta moral não tem apenas uma singularidade, situa-se no conjunto das condutas morais do indivíduo, tende à realização do indivíduo, de uma forma de individualidade). Foucault afirma que é necessário deixar ao largo conceitos tradicionais como “lei” ou “soberania” para investigar o poder; ou mais precisamente, investigar o funcionamento dos mecanismos de poder. Partiremos da seguinte delimitação do conceito foucaultiano de poder fornecida por Edgardo Castro:

O poder, para Foucault, na sua forma moderna, se exerce cada vez mais em um domínio que não é o da lei, e sim o da norma e, por outro lado, não simplesmente reprime uma individualidade ou uma natureza já dada, mas, positivamente, a constitui, a forma. Foucault distingue duas modalidades fundamentais de exercício do poder nas sociedades ocidentais e modernas, a *disciplina* e a *biopolítica*, ou seja, o poder que tem por objetivo os indivíduos e o poder que se exerce sobre as populações. Disciplina e biopolítica são os eixos que

conformam o biopoder. Com efeito, o biopoder define o verdadeiro objeto do poder moderno, isto é, a vida, biologicamente considerada. O conceito de normalização refere-se a esse processo de regulação da vida dos indivíduos e das populações. Nesse sentido, nossas sociedades são sociedades de normalização. (CASTRO, 2009, p.309).

Cabe-se perguntar como ocorre o funcionamento do poder, como ele age sobre o indivíduo, quais são seus mecanismos de disciplinarização; e sobre a sociedade, como ele age sobre ela e também quais são seus mecanismos de normalização.

No final do século XVIII aparece a ideia de uma educação natural, que corresponde a um certo poder, cujo funcionamento está no contato imediato entre os pais e seus filhos. Trata-se de uma disciplina pedagógico-médica que está centrada na substancialização da pequena família em torno do corpo da criança e de sua racionalização. Do mesmo modo que o criminoso irá produzir um discurso sobre seu corpo e o olhar disciplinarizador e normalizador também irá produzir um discurso sobre o corpo do criminoso. Também em relação a criança se produzirá um discurso sobre seu corpo, mas também o poder disciplinarizador e normalizador da família, mas também do Estado, pois esta criança irá para a escola, o Estado produzirá o seu discurso.

Portanto, a “disciplina na escola e os limites para a formação do homem livre”, converte-se em problema quando podemos refletir sobre a escola, segundo Michel Foucault, enquanto instituição total, como lugar em que o Estado pode e exerce o seu poder sobre o indivíduo, sobre o corpo do indivíduo e sobre a coletividade. Ante o exposto e auxiliado por Michel Foucault colocamos a seguinte questão: a disciplina na escola e os limites para a formação de um homem livre, a partir de uma perspectiva foucaultiana de disciplinarização e de normalização. Tendo em vistas que o poder está presente em toda a estrutura social, quais serão os limites impostos por tais relações de poder à formação do homem livre?

Para o âmbito desta pesquisa tomamos o conceito de ‘disciplina’ segundo Michel Foucault. Iniciamos fazendo um recorte na análise foucaultiana que investiga a episteme³,

³ Ao examinarmos a história da disciplina na escola enquanto fenômeno moderno; utilizaremos a estratégia de Foucault ao teorizar sobre a episteme: “A episteme define o campo de análise da arqueologia”. (...) Foucault quer dar um conteúdo à noção de episteme a partir de outras noções – formações discursivas, enunciado, arquivo – delimitadas desde um ponto de vista arqueológico. (...)”. (CASTRO, 2016, p.139)

o dispositivo⁴ e as práticas⁵ da ‘disciplina’, principalmente, nos hospitais psiquiátricos e nas prisões; e destas análises, deduziremos como essa ideia de ‘disciplina’ auxilia na compreensão da escola na Modernidade. Foucault afirma que “a disciplina reina na escola, no exército, na fábrica. Trata-se de técnicas de dominação de extrema racionalidade” (FOUCAULT, 1994; apud CASTRO, 2016, p.149). Tais técnicas são descritas por Foucault enquanto: episteme, dispositivo e práticas. Elas, as técnicas, não foram criadas para formar homens livres, mas tão somente vincular indivíduos aos processos de produção de mercadorias dentro do sistema capitalista; deste modo Castro (2016, p.149), ao caracterizar a ideia de escola na obra de Foucault, afirma: “A fábrica, a escola, a prisão ou os hospitais têm por objetivo vincular os indivíduos ao processo de produção; trata-se de garantir a produção em função de uma norma determinada”. A partir do século XVII, nas sociedades ocidentais, foram desenvolvidas uma série de técnicas para encaminhar e para vigiar os indivíduos em seu comportamento corporal. Em nossa pesquisa, a escola será caracterizada como uma das instituições dominantes e que corrobora na limitação da formação do homem⁶ livre.

Caracterizada, em um primeiro momento, a disciplinarização do corpo e a normatização da população; passaremos a uma reflexão sobre os elementos que deram origem à escola na Modernidade. Para que compreendamos a educação em nosso tempo, na Modernidade, será necessário que investiguemos e caracterizemos a educação grega clássica, a educação helenística, a educação romana, a educação medieval e desta à moderna, para que indiquemos o que é que levou a escola moderna ser como ela é: uma

⁴ A episteme era o objeto da descrição arqueológica; o dispositivo, por sua vez, o é da descrição genealógica. (...) O dispositivo é, em definitivo, mais geral do que a episteme, que poderia ser definida como um dispositivo exclusivamente discursivo (*Dits et écrits* 3, p.301). Foucault falará de dispositivos disciplinares, dispositivo carcerário, dispositivos de poder, dispositivos de saber, dispositivos de sexualidade, dispositivo de aliança, dispositivo de subjetividade, dispositivo de verdade, etc. (...). (CASTRO, 2016, p.123 – 124)

⁵ Os dispositivos, por sua vez, integram as práticas discursivas e as práticas não discursivas. O dispositivo como objeto de análise aparece, precisamente, ante a necessidade de incluir as práticas não discursivas (as relações de poder) entre as condições de possibilidade da formação dos saberes. (...) O domínio das práticas se estende então da ordem do saber à ordem do poder. (CASTRO, 2016, p.336 – 337)

⁶ Adotamos o sentido de ‘homem’ indicado pelo Prof. Dr. Ildeu M. Coêlho “(...) o termo *homem* tem sempre o sentido genérico de *ánthropos*, em grego, *άνθρωπος*, referindo-se, pois, ao *homem*, acima de qualquer diversidade, ao ser humano”. (COÊLHO, 2013, p.16)

limitadora da formação do homem livre. O primeiro destes momentos é a educação grega clássica, cuja origem está na educação homérica:

É realmente de Homero que nossa história deve partir: é em Homero que começa, para não mais interromper-se, a tradição da cultura grega: seu testemunho é o mais antigo documento que podemos, proveitosamente, compulsar acerca da educação arcaica. O papel de primeiro plano, desempenhado por Homero na educação clássica, convida-nos, por outro lado, a determinar com precisão aquilo que podia já representar, para ele, a educação. (MARROU, 1975, p.17)

A antiga educação ateniense, em sua forma arcaica⁷, será característica “de uma cultura de guerreiros a uma cultura de escribas” (MARROU, 1975, p.66). A educação deixa de ser militarizada, como em Esparta, e passa a uma educação aristocrática, como em Atenas, mas a fé no valor exemplar da virtude esportiva dissemina-se como o próprio gosto pelo esporte; trata-se do ideal comum dos homens livres, o ideal supremo da civilização helênica:

Com este ideal, com a cultura que ele anima, é toda a educação aristocrática que agora se estende e se torna a educação-tipo de toda criança grega. Mas, conservando sua orientação geral e seus programas, esta educação deve, vulgarizando-se e para vulgarizar-se, desenvolver-se do ponto de vista institucional: a democratização da educação amena, reclamando um ensino que, destinado ao conjunto dos homens livres, se torna necessariamente coletivo, a criação e o desenvolvimento da escola. Fato decisivo, do qual convém salientar toda a importância sobre a sequência de nossa história. (MARROU, 1975, p.71)

A partir da história dos elementos que constituíram a escola⁸ durante à Modernidade, traçada por Henri Marrou, investigaremos os vínculos dos indivíduos ao processo de produção, na sociedade ocidental, no sistema capitalista à ideia de formação deste indivíduo. Desde já indicamos que a ideia de ‘formação’ subjacente na Modernidade não propicia uma formação do homem livre, mas de um indivíduo produtivo. Pautado por esta constatação, investigaremos como o homem livre, formado na educação grega

⁷ Arcaico enquanto força criadora da origem e do princípio. “A educação é mais antiga do que a escola. Isso quer dizer: na história ocidental, a *paideia*, *παιδεία*, a educação, tomada em seu sentido ontológico, mais amplo, profundo e originário, é mais arcaica do que a escola. ‘Arcaica’, no sentido de ter a força criadora da *arkhé*, *ἀρχή*, da origem, do princípio. É a educação a origem e o princípio da escola e não vice-versa. Origem e princípio dizem, aqui, a proveniência essencial de onde salta uma destinação histórica e o vigor que a rege e que constitui o seu *télos*, *τέλος*, o seu sentido pleno, enfim, a sua consumação”. (COELHO, 2013, p.33)

⁸ “O cuidado pela necessidade do desnecessário se chama, em grego, *skholé*, *σχολή*. *Skholé* significa, originariamente, *tempo livre*, quietude, repouso, ócio”. (COELHO, 2013, p.50)

clássica, a *paideia* (JAEGUER, 1995) acabou por desembocar em um indivíduo produtivo. A formação deste homem grego (VERNANT, 2006), um homem livre por excelência, cujo contexto democrático, apresentou algumas nuances importantes que julgamos serem necessárias serem resgatadas para que o indivíduo produtivo da Modernidade torne-se o homem livre. Deste modo, impõem-se que o saber, objeto da formação, deixe de ser um produto, uma “coisa morta, incapaz de pôr questões a serem pensadas”, mas que se torne “saber como realidade viva e interrogante” (COÊLHO, 2013, p.88). A formação ocorre na escola e está sob a regência dos docentes, segundo o Prof. Dr. Ildeu M. Coêlho, o sentido da escola e da docência deve deixar de ser a instrução de um indivíduo produtivo para o de um homem livre:

O sentido da escola básica e da docência não é socializar o saber e formar para a continuidade dos estudos, o trabalho e a sociedade tecnológica, mas trabalhar para que os estudantes, isto é, aqueles que efetivamente estudam, e não apenas aí estão presentes, entendam o mundo, a sociedade, a ciência, a tecnologia, a filosofia, as letras e as artes; enfim, a cultura, a educação, a vida coletiva, ampliando, enriquecendo a aprofundando seus horizontes da existência humana, no ver, sentir, pensar e agir. (*Ibid*, p.88)

Formar, então, será uma atividade pessoal e ontológica, própria daquele que efetivamente estuda, sob a regência do docente. Cujo objetivo da formação é entender os campos máximos da vida humana: o mundo, a sociedade, a ciência, a tecnologia, a filosofia, as letras e as artes; mas também a cultura, a educação e a vida coletiva. Este entendimento deve ocorrer dentro dos horizontes da existência humana; quando poderemos afirmar, a partir da definição do sentido da escola e da docência, que formar é ver, é sentir, é pensar, é agir; mas este ver, sentir, pensar e agir ocorrem concomitantemente ao entendimento do mundo, da sociedade, da filosofia, da cultura e da vida coletiva.

Portanto, a disciplina na escola e os limites da formação do homem livre terão como suporte teórico cada uma destas etapas: ‘escalar o farol’, isto é, descrever o conceito de disciplina em Michel Foucault; ‘estando sobre o farol’, lançar luz sobre os momentos históricos da escola, e a partir da compreensão dos sentidos históricos que a escola assume desde a Antiguidade Clássica até a Modernidade, indicar também a compreensão do que vem a ser a formação em cada um destes momentos. Tendo em vista a relação de Foucault com a educação, nossa pesquisa procurará demonstrar a relação da ‘disciplina na escola’ e os ‘limites para a formação do homem livre’.

Referências

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Trad. Ingrid Müller Xavier. São Paulo: Autêntica, 2009.

COÊLHO, I. M. (org.). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Trad. Maria T. da C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. São Paulo: Graal, 1977.

_____. **Dits et Écrits 1954 – 1988**. 4 vols. Defert, D.; Ewald, F.; e Langrange, J. (orgs.). Paris: Gallimard, 1994.

_____. **Ditos e Escritos. Estratégia Poder-Saber**. Vol.4. Manuel Barros da Motta (org.). Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Barbosa. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2009.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42ª ed. Trad. Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 2014a.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24ªed. Trad. L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2014b.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 3. ed. Trad. Artur M. Pereira; adaptação para a edição brasileira Mônica Stahel; revisão do texto grego Gilson C. C. de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. 4ª reimp. Trad. Mário Leônidas Casanova. São Paulo: EPU, 1975.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. 16. ed. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.